

# sessões do MAGINÁRIO

VOL. 19 | N. 32 | 2014



CURTA NOSSA  
PÁGINA



**P.01**

Sociologia, política e  
arcaísmo: entrevista  
com Michel Maffesoli

Iuri Furukita Baptista,  
Janaina Gamba e Karina Weber

**P.08**

Júlio Bressane e os  
jogos de designação

Alexandre Rocha da Silva e  
Cássio de Borba Luca

**P.52**

A ubiquidade das câmeras  
e a irrupção do real

Felipe da Silva Polydoro

# Sociologia, política e arcaísmo: entrevista com Michel Maffesoli

*Sociology, politics and archaism: interview with Michel Maffesoli*

Iuri Furukita Baptista<sup>1</sup> , Janaina Gamba<sup>2</sup>   
e Karina Weber<sup>3</sup> 

Tradução e transcrição: Iuri Furukita Baptista



ENTREVISTA

Michel Maffesoli, doutor *Honoris Causa* pela PUCRS, sociólogo francês, é um dos principais autores da Sociologia Compreensiva. Atualmente é professor da Universidade de Sorbonne – Paris V, onde é diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano – *Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien* (CEAQ), o qual fundou em 1982. Foi um dos conferencistas convidado para o Seminário Cooperação e Internacionalização em Comunicação, realizado no mês de setembro em comemoração aos 20 anos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

O autor aborda a realidade da vida social a partir de seu politeísmo, é conhecido por suas pesquisas sobre imaginário, pós-modernidade, cotidiano, além de pensar noções como tribalismo urbano, arcaísmo e relacionismo. Com um olhar compreensivo sobre o tecido social, reflete sobre as metamorfoses de nossa sociedade. Sempre em frente. Entre suas obras publicadas no Brasil estão *O conhecimento comum*, *No fundo das aparências*, *A transfiguração do político*, *O instante eterno*, *O tempo das tribos*, *O tempo retorna* e *Homo eroticus*, seu livro mais recente.

**Sessões do Imaginário** – O senhor está lançando *Homo Eroticus*, um manifesto que retoma e reforça seus trinta anos de trabalho. Mesmo se tratando de abordagens muito jovens, principalmente quando comparadas às da sociologia tradicional, já podemos falar em alguma trajetória?

**Michel Maffesoli** – Sim, podemos. É interessante ver como o ambiente universitário se tornou mais e mais heterodoxo nessas últimas décadas. Isso é a pós-modernidade. Ela pega toda uma série de características da sociologia que eu chamo de oficial, e a escuta. Eu tenho uma fórmula que é “a norma se torna canônica”. Mas, no que concerne a sociologia do cotidiano, a sociologia compreensiva e os elementos pós-modernos começam a se tornar cada vez mais e mais importantes.



Maia Rubim, Pedro Scott/Famecos/PUCRS

mente é um pouco mais complexa, se chama a imanência epistemológica, uma proposta que remete à fenomenologia e seu esforço em pesquisar aquilo que se apresenta.

**SI** – O termo pode ser novo, mas a fenomenologia não é novidade em seus trabalhos. Ela está presente desde suas primeiras obras como *A violência totalitária* e *A conquista do presente*, demonstrando influência das ideias e termos de Heidegger?

**MM** – Exatamente, é Heidegger, é Husserl. Ambos acreditam que não é possível descrever apropriadamente um fenômeno contemporâneo sem buscar sua raiz, um olhar para o passado. Porém, eu falo de uma raiz dinâmica. Um oxímoro que além de refutar a ideia de que raízes são estáticas, também possui, ao menos em francês, um sentido de força, de vitalidade.

**SI** – Mudando de assunto, as manifestações populares que surgiram e continuam a surgir em diversos países seriam o ápice do “estar junto” tão precioso à pós-modernidade?

**MM** – Eu penso que o *netativismo* é tudo menos político. Porém, para exprimir a partilha de emoções, o *netativismo* usa a linguagem que conhece, a linguagem política. Não podemos dizer que esses jovens que se encontram nas ruas estão motivados pela ideia de uma sociedade perfeita. A política é isso, chegar a uma sociedade perfeita.

**SI** – Por mais que alguns ativistas estejam ligados a partidos políticos?

**MM** – Sim, claro, independente disso. Eu traduzi um pesquisador inglês chamado Alfred Schütz. Ele mostra que em certos momentos as pessoas utilizam o que ele

**SI** – Podemos falar em avanço?

**MM** – Avanço? Não. Eu digo sempre que não falo em avanço [*en avant*], mas falo em frente [*devant*]. É a figura do profeta, que possui um público a cativar. Se eu o disser em grego, é a ideia de Aristóteles: *Kalos Afoierestai*, que significa “um belo aforismo”. Ou seja, é uma questão de fazer belamente a pergunta. E para mim, é isso, não devemos falar em avanço, devemos procurar colocar as questões de forma bela.

**SI** – E mais especificamente em sua obra, que caminho você enxerga em seu próprio trabalho?

**MM** – O que é universal é o viés da relatividade. Seja em *O conhecimento comum*, *A conquista do presente* ou em qualquer outro livro, permanece a ideia de que não há uma verdade, mas um mosaico de verdades. Essa é a ideia universal, é a ideia primeira. Ao longo dos anos, abordei essa questão com enfoques diversos, mas ela sempre esteve presente. A segunda ideia que eu desenvolvo atual-



chama de “*stock of knowledge*”, um estoque de conhecimento, para determinados fins. Então, eu penso que os jovens brasileiros, a Primavera Árabe ou os Indignados de Madrid, utilizam a linguagem política para traduzir essa vontade religiosa de estar junto, mas o que realmente importa, é estarem juntos.

**SI** – Religiosidade, que para o senhor significa unicamente reunir-se, estar junto, partilhar emoções?

**MM** – Exato. O importante é estarem juntos. Essa é a mágica, essa é a pós-modernidade.

**SI** – Em épocas de eleições no Brasil, qual a transfiguração do político? Em quais instâncias essa transfiguração se dá?

**MM** – É claro que eu não sou a pessoa mais indicada para falar da situação política do Brasil, contudo, de maneira mais geral, o que me parece estar acontecendo é justamente a transfiguração do político. Não existe, verdadeiramente, uma prioridade dos argumentos políticos em Dilma ou Marina. O que se passa é que os argumentos políticos possuem pouca representação na disputa. Por outro lado, a emoção ganha espaço na campanha. Essa é a transfiguração política: o que me interessa é a libido, são as emoções. E não é algo específico do Brasil. Na França, podemos dizer o mesmo sobre Nicholas Sarkozy e François Hollande. Ambos recorrem à libido. A libido dominou nossas vidas. Não é a razão, são as emoções, são os afetos. Se pegarmos a França como exemplo, eu compreendo que na época da Terceira República Francesa (1870-1940) a política era moderna. Havia verdadeiramente um programa racional e os políticos queriam convencer as pessoas da

validade de seus programas racionalmente. Essa era a política moderna. Na pós-modernidade, não se trata de convicção, mas de fazer vibrar o ventre. O programa político se tornou um servo do ventre e isso não é o fim da política, mas uma transfiguração. Para mim, não somente no Brasil, as eleições, atualmente, são um teatro, se tornaram uma teatralização.

**SI** – Como exemplo, houve severa censura à Marina Silva pela volatilidade de seu programa na questão dos direitos homossexuais, sendo que, em rigor, a legalização ou não de algo é função do Legislativo.

**MM** – Eu ouvi algo sobre isso. Pelo que eu pude entender, ela é evangélica e se posicionou contra a igualdade de direitos dos homossexuais e contra a legalização do aborto. Novamente, não conheço a situação para afirmar com segurança, mas me parece um belo exemplo da transfiguração política pós-moderna, uma vez que ela não definiu seu programa a partir da razão, definiu a partir de suas convicções religiosas. Um outro exemplo: os pilotos da Air France estão em greve nesse exato momento. Não há razão racional para essa greve, houve uma onda de emoções que a originou pelo simples fato de que não faziam uma greve desde 1998. Antigamente, o sindicato era racional, reivindicava objetivos claros e concretos. Hoje não há mais a necessidade de uma meta específica. Os movimentos sociais emergem dos humores sociais, um processo que, pegando um termo da química chamo de cristalização. Cada vez mais, a vida social é direcionada por esses processos de cristalizações de emoções, algo sobre o qual falo em *Homo Eroticus*. É a ordem amorosa.

**SI** – O senhor fala que vivemos uma sociedade em que o uso da tecnologia é voltado para valores arcaicos. Qual o papel da comunicação para a manutenção dos arcaísmos?

**MM** – É a ideia da *tecnomagia*, eu falo disso frequentemente, é um paradoxo entre o novo e o velho. Não sei como são os programas de comunicação no Brasil, mas eu vejo que na França a reflexão sobre a comunicação esquece fundamentalmente essa ideia arcaísta da magia, do mito. Esquece esse princípio, que como princípio é primeiro, é fundante, é indispensável. E o que é esse princípio? É enxergar os objetos como *mesocosmo*. *Mesocosmo* é aquilo que relaciona o microcosmo (a subjetividade) e o macrocosmo (a objetividade). No primitivo, o totem é o *mesocosmo* entre o micro e o macro. Atualmente, esse celular gravando nossa conversa é o *mesocosmo*, a *tecnomagia* é o que está entre o sujeito e o mundo. Andando pela PUC, tudo o que se vê são os jovens manuseando seus celulares. O que eles estão fazendo? Se relacionando com o mundo através de seu *mesocosmo*. Eu, particularmente, ainda enxergo um pouco da figura do grande falo nessa relação entre os adolescentes e seus aparelhos. Há uma disputa em ter o maior, o melhor, o mais potente.

## Referências

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.



\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A violência totalitária:** ensaio de antropologia política. Porto Alegre: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. **A transfiguração do político:** a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **O tempo retorna:** formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **O instante eterno:** o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Porto Alegre: Zouk, 2013.

\_\_\_\_\_. **Homo eroticus:** as comunhões emocionais. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

## Notas

- 1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS – Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7, Sala 319, CEP: 90619-900, Porto Alegre/RS, Brasil). E-mail: iuri.baptista@acad.pucrs.br.
- 2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS – Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7, Sala 319, CEP: 90619-900, Porto Alegre/RS, Brasil). E-mail: janaina.dos@terra.com.br.
- 3 Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS – Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7, Sala 319, CEP: 90619-900, Porto Alegre/RS, Brasil). E-mail: karinaweber.rs@gmail.com.